Palcos e Télas

Director — MARIO NUNES

ANNO II | RIO DE JANEIRO, 8 DE JUNHO DE 1919 | NUM 63

RUBY DE REMER

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia, sobre assumptos de redacção, deve ser dirigida ao Sr. Mario Nunes, redactor-chefe, e sobre assumptos administrativos ao Sr. Abrahão Lincoln, gerente, edificio do "Jornal do Brasil", Avenida Rio Branco, 110 — 112, Rio de Janeiro.

As assignaturas tomam-se no balcão do "Jornal do Brasil" ou com os nossos representantes nos Estados, de accordo com a seguinte tabella:

De anno, 52 numeros ...	15$000
De semestre, 26 numeros.	8$000
Numero avulso	300
Numero avulso nos Estados	400
Numero atrazado	400

São nossos representantes:

Estado do Rio: Joaquim Augusto de Faria, Theatro Orion, Campos.

Estado de S. Paulo: Agencia Annunziato, rua de S. Bento, 67, S. Paulo; Decio Fonseca, rua Aurea, 2A, Botucatú; Walter Luhmann, rua Saldanha Marinho, 6, tele. 30, S. João da Boa Vista.

Estado de Minas: Djalma Costa, rua Duques de Caxias 1, Uberaba; Juvercino Amaral, Curvello — Minas.

Estado de Sergipe: Empreza Romualdo Figueiredo, Theatro Eden-i Cnema, Aracajù.

Estado da Bahia: Olivier Luiz Teixeira, rua dos Capitães, 80, Bahia.

Tiragem 5.000 exemplares

FRANK LLOYD, director de William Farnum, productor de "A tale of two cities" e "Les Miserables" está negociando a rescisão do seu contrato com a Fox, porque deseja formar companhia propria.

HENRY BOURGUET

O Sr. Henry Bourguet, o actor de merito que organizou e dirige a Companhia Dramatica Franceza que vae occupar o Theatro Municipal, é um dos mais competentes "metteurs-en-scène" do theatro francez dos nossos dias, e um dos mais completos homens de theatro. Acredita-se que a temporada a iniciar-se seja, por isso, particularmente brilhante.

NOSSA CAPA

Ruby de Remer não é um nome desconhecido para quem frequenta cinemas no Rio. Seu reapparecimento agora no "Em hasta publica" da Goldwyn que o Odeon exhibio ha pouco foi uma grata surpreza porquanto sua figurinha gentil, cheia de angelico encanto, era tida como uma das mais queridas do publico, apreço que agora augmentará, pois que são notaveis os seus progressos na arte que, em boa hora, abraçou.

MARIA MATTOS

A Sra. Maria Mattos tem no theatro portuguez um logar que é só seu, logar de grande destaque, conquistado pelo seu proprio merecimento de caracteristica insigne. A critica e o publico do Brasil lhe têm rendido as homenagens a que o talento real faz jùs.

MINHA VIDA

POR

Marguerite Clark

"Minha inclinação para o palco mostrava-se, porém, desgostosa durante os tres annos em que estive no Ursulina Convent, de Ohio.

Tinha paixão pela leitura e vivia mergulhada no sonho, mettida sempre em um recanto do collegio onde representava scenas com outras meninas. Tenho ouvido que quasi todas as crianças, em um certo periodo da sua vida — os scientistas affirmam que essa é uma phase perfeitamente normal do seu desenvolvimento — acreditam que não estão vivendo a vida que lhes está reservada desde o dia do nascimento, que estão sendo conduzidas por um mysterioso caminho que abandonarão um dia para occupar o logar que lhes compete.

Penso que essa phase manifestou-se em mim pela crença de que eu era realmente uma creatura encantada, talvez uma princeza — comquanto eu não aspirasse isso — condemnada a mortal existencia até que fosse proferida a palavra que me devia fazer voltar para o livro de fadas azul, verde ou vermelho de que me havia escapado. Até lá, certamente, eu usava os vestidos de Marguerite Clark, dormiria na cama de Marguerite Clark, estudava suas lições, teria, emfim todas as apparencias de Marguerite Clark, mas o dia, oh! esse viria!

Uma tarde fui mandada dar um recado á irmã que estava ensaiando algumas das meninas mais velhas em uma peça. Aconteceu que a peça pertencia á bibliotheca do convento a qual me era familiar e quando eu cheguei a "leading-lady" tropeçava a todo o instante nas palavras. De ordinario eu era timida e jamais sonhara dirigir a palavra ás mais velhas, assim imagine-se a surpreza de todos e a minha propria, quando subitamente, me puz a recitar alto as phrases mal declamadas, acompanhando-as de gestos adequados.

Se depois disso a minha collega se recusou a fazer o papel não sei, o que é certo é que a opinião das irmãs de que não deviam deixar a pequena Marguerite tomar parte na peça foi levada de vencida e eu fiz a protagonista. Isso foi o começo e dahi em diante interpretei sempre os principaes papeis, porque faltava quem os fizesse, creio eu.

Pensava nos annos de trabalho e lutas, de desapontamentos sobretudo se o successo não me bafejasse sempre porque minha ambição pela carreira do palco firmara-se de um modo absoluto antes dos meus quinze annos, e assim deixando o collegio, segui para New York, onde prosegui nos estudos, tendo esse fim em vista.

(*Continúa*)

VERA STEADMAN, uma das mais lindas girls das comedias Keystone, passou-se para a Universal, devendo estreiar em "Happ Returns".

GERMAINE DERMOZ

A Sra. Germaine Dermoz, primeira figura feminina da Companhia Dramatica Franceza, é uma actriz que ha muito vem se impondo como das mais finas e espirituaes do theatro francez contemporaneo, devendo aqui, agradar de um modo completo.

ODEON

COMPANHIA BRASIL CINEMATOGRAPHICA

Já não é facil, em cinematographia, impressionar a critica de... conseguindo elogios sem re... E' no emtanto o que ob... ANNA, (a guerreira) que o ODEON exhibiu hontem com enorme agrado da sua ex'gente freguezia e que fará brilhante carreira nos demais cinemas do Districto Federal e dos Estados. Os jornaes norte americanos disseram desse film: "Não é sómente uma das melhores producções da GOLDWYN mas um dos mais bellos films até hoje projectados na téla" — "a emoção e a fantasia apparecem deliciosamente combinadas, o que lhe dá um caracter muito differente dos communs films da guerra" — "é um completo triumpho para MABEL NORMAND" — "é o mais importante trabalho da sua carreira cinematographica..." e outros, muitos outros, todos elogiando as excepcionaes qualidades do bello film.

* * *

Continúa hoje a exhibição de OS MISERAVEIS. E' a segunda parte da maravilhosa obra da FOX que para o grande exito obtido contou com o concurso desse estupendo WILLIAM FARNUM.

A impressão causada pela primeira parte foi a que era de esperar: de profundo goso artistico. Sente se que o trabalho genial de VICTOR HUGO foi condignamente transportado para a téla. E' inutil fazer reclame da segunda parte. Quem viu a primeira sabe que o film é uma verdadeira maravilha.

* * *

No programma de hoje a picaresca historia da vida de MUTT e JEFF apresenta mais um capitulo. Os destemidos heróes de BUD FISHER, o bem humorado caricaturista apparecerão NO FRONT, fazendo as suas habituaes diabruras.

Brevemente: CLEOPATRA, por THEDA BARA, da FOX, um assombro em cinematographia — Exclusividade da COMPANHIA BRASIL CINEMATOGRAPHICA.

SALOMÈ

"Salomé", a nova peça do Dr. Renato Vianna, o illustre autor de "Na Voragem", vem confirmar a existencia, no Brasil, de um autor dramatico de larga envergadura, o primeiro realmente digno desse nome que as lettras patrias têm produzido.

A nova peça do Dr. Renato Vianna é toda altamente psychologica, estudando a fundo varios caracteres, mas principalmente o da bailarina Zoé, a Salomé, *typo estranho de mulher, cujo satanico e delicioso prazer é anniquilar material e moralmente, o seu amante, a quem serve os maiores gozos, as maiores angustias, os maiores desesperos e as maiores dôres. A mysteriosa e terrivel nevrose progride de scena para scena, produz a quasi loucura de quem lhe é pasto e motivo e acaba, logicamente, pelo assassinato do infeliz a quem só então ella sente quanto ama fervorosamente. E' claro que não descreveremos a peça, procuramos antes extrahir-lhe a these, magistralmente desenvolvida nesses tres actos de bom, forte, magnifico theatro que é a obra impressionante do talentoso escriptor. Póder-se-ia apontar em seu desfavor a belleza puramente litteraria de alguns dialogos, mas ha conceitos tão formosamente emittidos que insensivelmente se perdôa ao autor haver transigido com o litterato. E' interessante notar que a peça, á qual não falta theatralidade, momentos de grande, de intensa emoção, é quasi toda construida em dialogos.*

Cremos que Salomé, *representada para platéas cultas, produzirá profunda e enthusiastica impressão. Ahi está o maior tropeço á popularidade do autor, que alcançaria facil e grande renome se outra fosse a terra do seu nascimento.*

(EXCERPTO)

Carlos, fulminado, está ainda paralysado a meio da scena. Um momento. Emfim, consegue reagir. Vacilla um passo, mas está tonto... A sua mão passa vagarosamente pela cabeça — mão indecisa e tremula. Vacilla um passo mais, mais outro. Acaba por andar a scena toda, aereamente, inconsciente, automato. E abate-se numa cadeira na attitude ébria de quem levou uma violenta pancada...

Outro momento. Surge Zoë, que o sorprehende na mesma inacção ainda.

Zoë, descendo a elle. — Já se foi o teu irmão? (reparando em Carlos) Que funebre estás! (Carlos levanta a cabeça, fita-lhe um olhar vago e volta á sua attitude) Sentes-te mal? (silencio) Fala!

Carlos, num desabafo, levantando se. — Que te importa? Esse teu interesse é irrisorio, Zoë!

Zoë — Falas commigo?

Carlos — Comtigo.

Zoë — Então, enganei-me. Não estás funebre. Estás louco.

Carlos — E' melhor calarmos.

Zoë — Não sei o que me obriga.

Carlos — A ti, nada. A mim, a minha angustia. O respeito ao meu proprio cadaver...

Zoë — Bem digo eu... De ha muito que te obcecéca a mania de morrer. (ri).

Carlos — E' monstruoso!

Zoë — Por que?

Carlos — Porque ris da minha morte. Bem sabes que estou morto e que estou morto por ti... Não ignoras que para te possuir rolei ao abysmo do meu abandono... Eu para te amar — para te poder amar — enlouqueci.

Zoë, depois de um curto silencio. — Juro que ignorava a tudo isso!

Carlos, sceptico. — Sim. Ficam-te bem essas palavras...

Zoë, proseguindo. — A menos que te refiras tambem ao meu sacrificio.

Carlos — Quem faz o que eu tenho feito não póde nunca esperar outra cousa.

Zoë, nervosa, irritando se. — Olha, Carlos. Vamos findar. Quem pede agora, sou eu. Comprehendes que já estou farta de ouvir lamentações, quando eu é que tinha e tenho o direito de lamentar-me.

Carlos — Tu?

Zoë — Entretanto, não o fiz e nem o farei, jamais. Tenho bastante animo para supportar sorrindo o pêzo desta cruz. Ha momentos em que até me parece divertido.

Carlos — Zoë. Não faces assim... Não repitas essas palavras... E'-me estupido o acreditar que são sinceras... Vê. Ouve. Sente a minha dôr. Tu não pódes ter uma alma de gêlo. Será verdade oque dizem? Não te comove o meu martyrio? Não adivinhas a minha angustia? Desprezas-me? Esta agonia triturante que me anniquila minuto a minuto não

te arranca do coração um gemido? Dize! Não me amas?

— Zoë caminha como que indifferente até o fundo. Carlos allucinado, segue-a. Ella volta-se, desce. Elle toma-lhe as mãos:

Zoë! Ouve-me! Responde me. Dá um grito! Deixa me vêr os teus olhos... Sêccos! Onde estão as tuas lagrimas? Em que coração de ferro e brasa se seccou o teu pranto, creatura? (largando-a com doloroso desdem) E's uma mulher que não chora!

Zoë — Evidentemente é funebre que estás.

Carlos — E tu foste o ideal que me abrazou! Tu! E em ti cahiu um dia a miseravel concretisação de todos os meus sonhos! E' doloroso... E' cruel... E' horrivel!...

—Zoë senta-se, sempre indifferentemente:

A verdade! A terrivel verdade dos romances! Ter uma alma e vibral-a... E sonhar! Para que? Por que? Que significação tem o sonho? Loucura!

— Deu alguns passos ao fundo. Voltou. Está vago e alheado:

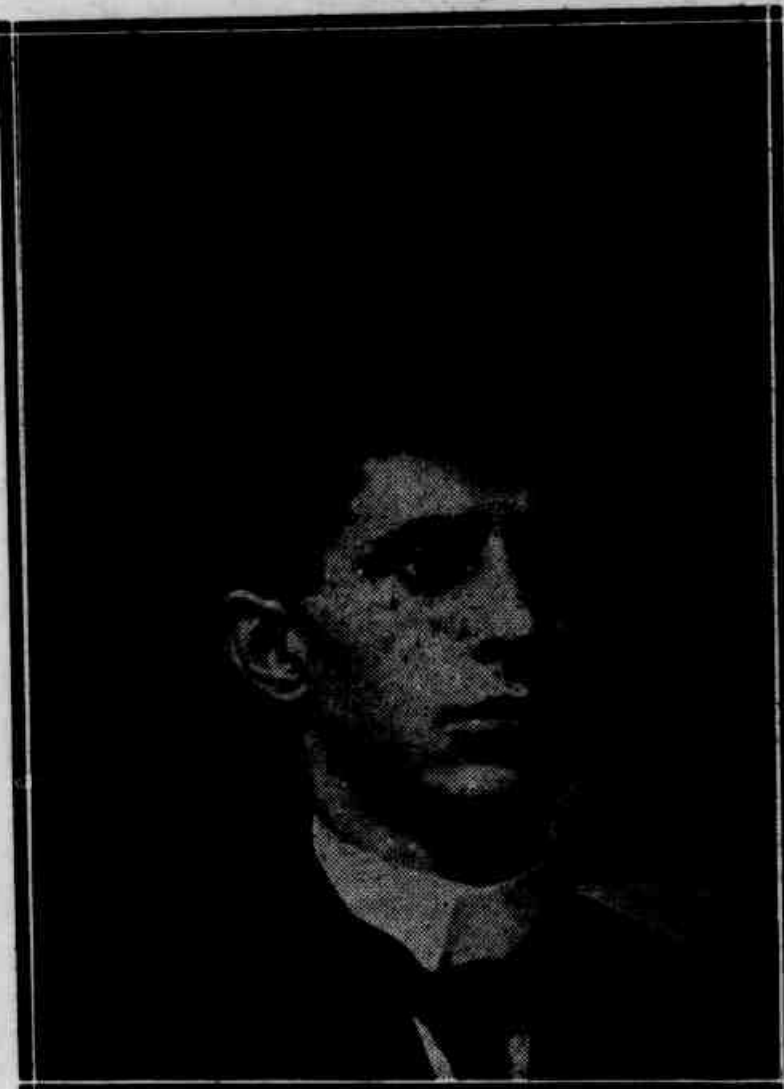
Lobrigar uma mulher a scintillante chamma... Fazer della o motivo das nossas ancias, aspirar atravez do seu amor o amor invisivel, subir pelos seus olhos ás alturas mais loucas— e cahir numa hora, e arrojar se num minuto ao charco mais putrido! Miseravel cousa ter alma!

— Zoë levanta-se. Tem uma extranha attitude de enfado.

Ridiculo! Irrisorio o querer ser mais do que humano... Mas que culpa tenho eu? Que culpa? Sim, que culpa?

— E Carlos, num desespero surdo, atira-se sobre a primeira cadeira que encontra. Tem a cabeça enterrada nas mãos e parece chorar. Um momento. Zoë vê tudo, se bem que procure mostrar-se indifferente a tudo. Agora, que Carlos não a vê, ella lhe fixa o olhar em cheio. E, no seu olhar ha profunda angustia e dôr profunda. Silencio. De mansinho, Zoë desce até Carlos. Está bem junto delle — e a sua mão como que vae acariciar-lhe a negra cabelleira emmaranhada... Ha na expressão dessa mulher extranha muito carinho e muito amor. Subito, entretanto, a sua mão aberta estaca no ar, fica indecisa — e Zoë recúa, recúa, no dolorido assombro do seu proprio arrependimento.... Recuou. Já está de novamente ao fundo. O seu olhar — o mesmo alhar angustiado e profundo — vagueia em torno. Carlos, continúa abysmado na cadeira, soterrado em si mesmo. Então, de chôfre, ha uma transfiguração no semblante de Zoë. Toda ella neste momento é já uma alegria infernal. Nesse estado doloroso de alma, entre a angustia febril e o jubilo feroz, caminha até o piano, abre-o, senta-se — e nervosamente ataca no teclado um dos seus mais diabolicos bailados... Carlos como que desperta, num susto, á cavalgada daquella symphonia. Levanta-se — e tem para Zoë um sorriso mais homicida e frio do que um punhal.

(encaminhando se até o piano) Zoë... (Zoë, sem o ouvir, continúa o bailado) Zoë... (idem, idem. Carlos chamando mais perto) Zoë!

Zoë, parando subitamente. Voltando-se no môcho — Que queres, Carlos?

Dr. Renato Vianna

Carlos, angustia, desespero, desvario. — Que quero? Que me digas alguma cousa! Que finjas, ao menos o amor que me aranceaste! Que fales!

Zoë — Ora, Carlos. Que tolice!

— E, rindo, toda attenta ao teclado, fingindo não reparar na figura sacrificada e desvairada do amante, reforma mais nervosamente ao bailado diabolico. Ficou novamente de costas para elle. Carlos, ferido no seu orgulho como um animal bravio na sua carne sente impetos de ali mesmo avançar e estrangulal-a. As suas mãos tremulas chegam a crispar-se como garras em direcção ao veludoso e branco pescoço de Zoë, os seus dentes rangem, os seus olhos desvariam... Mas, consegue dominar-se, vence

Carlos, num ultimo arranco, com frouxo sorrir — Covarde!

— Bruscamente, num gesto, deixa o salão, desapparecendo pela E. A.

— O bailado prosegue mais nervoso, mais diabolico... Subito, Zoë deixa o piano e se transfórma. Depois de um leve sorriso. quasi imperceptivel, de amarga tristeza — toda ella é uma explosão de odio. E' um odio formidavel de tudo e de todos — e principalmente de si mesma... Os seus olhos brilham com mais fogo, as suas unhas cravam-se crispadas na cabelleira, os seus labios têm febre. Fica um momento de espreita á porta por onde Carlos desappareceu. Certifica-se bem de que elle já sahiu. Tem uma attitude incompreensivel de mysterio e dôr. Silencio. Entra Mauro.

Correspondencia

MISS X — Mas se é tão "fitera" porque não entra para a Omega? Quer uma apresentação nossa? Quanto ás scenas, estamos certos que as faria bem. Ensaios não lhe têm faltado...

A. S. S. N. —Se lesse sempre "Palcos e Telas" saberia que foi aberto um concurso para a escolha de artista. A Omega está confeccionando seu primeiro film.

Flor de Lotus — Terá breve os retratos que pede, assim como a biographia de Wallace Reid.

L. I. A. — Como sabe, muitos são os pedidos de retratos na capa. Registramos o seu que, opportunamente será attendido.

Antonio Rios — Publicamos na capa os retratos de Wallace Reid no n. 34 e o de Mollie King no n. 10. Pronuncia-se Uólaci Reid. Endereços: Wallace, 485 Fifth Ave.; Theda. 130 W. 46 th. St.; e Geraldine 16 E. 42 nd St. todos em New York.

Caetano B. Grecco — As agencias não dão retratos nem cartazes. Ha aqui quem venda boas reproducções mas a 2$000 cada uma.

Duque de Prata — Tanto Gustavo Sereno como Emilio Ghione continuam a fazer films e não ha muito foram exhibidos trabalhos seus no Palais. Ha sim, mas só indicaremos por carta.

Maria Rodrigues — Não, senhorita, Maria Mattos e Maria Frazão só têm de commum o primeiro nome.

Mlle. M. S. — Suas cartinhas conhecem-se pelo perfume. Qual é? Será o perfume da pessoa que escreve? 1899 é a data certa em que veio ao mundo, em Arlington, no Estado de Massachussets, para encanto nosso Betty Lawson, que o mundo inteiro conhece por June Caprice...

DOROTHY LOVE — Retratos para reproduzir só sendo muito bons. Gratos pela amabilidade.

PEDRO M. LIMA — Irene Castle está viuva ha cerca de um anno. E' americana.

CORAÇÕES APAIXONADOS — Pibernat partio daqui encantado com o Rio e... com as cartas e telephonadas que todos os dias recebia. Publicaremos o seu retrato á volta da companhia.

ANGELO XAVIER BAPTISTA — Que quer? fazemos a remessa com a maxima regularidade, mas o nosso serviço de correios é simplesmente vergonhoso!

W. F. B. — Tem geito para o theatro e não se resolveu ainda a ser actor? Que pena! Antonio Moreno é hespanhol. Dirija para Pathé Exchange, 25 W| 45th St. N. Y.

EDGARD NUNES — As que são conhecidas: William Farnum, 43 annos; Mildred Harris, 18; Charle Chaplin, 30.

L. E. X — Mas para dizer que George é um bobalhão, um "almofadinha" que se pinta como uma "melindrosa", escreve tres tiras em letra miuda? Imaginamos o que não seria se estivesse apaixonada por elle!

Theatros

Indicámos, em nosso ultimo numero, co-mo forte razão do actual movimento de in-teresse em torno do theatro nacional, a ac-ção pessoal de dous homens, os Drs. Gomes Cardim e Leopoldo Fróes, cujas valiosas contribuições analysámos. A conclusão lo-gica é que desses dous homens de theatro muito ha a esperar ainda, pois que ambos podem influir para a consecução desse an-tigo ideal de uma organisação definitiva que cuide da arte theatral no Brasil.

Um entendimento entre ambos poderia produzir excellentes resultados pela somma dos seus valores e consequente duplicação do prestigio de que gozam. Ninguem de boa fé póde negar a capacidade artistica, in-tellectual e directivo-commercial de um e de outro, pois que a prova já está brilhante-mente feita atravez da Companhia Drama-tica Nacional e do Trianon. A solução que partisse de ambos para o importante assumpto seria completa, a melhor a que poderiamos aspirar, pois que não se ori-ginaria no cerebro de ideologos mas de pes-soas experimentadas no "métier". Se qual-quer dos dous merece a confiança do go-verno aos dous juntos podia ser commettida com poderes discricionarios e absolutos, a tarefa de assentar as bases da referida or-ganisação. Essa tarefa ser-lhes-ia sobrema-neira facil, pois que o assumpto está per-feitamente estudado por ambos no terreno pratico.

Assim, nada nos falta actualmente, para que nos colloquemos ao lado dos povos cul-tos, cujo theatro importamos até ha pouco como unico derivativo ás exigencias do nos-so adiantamento intellectual.

Temos artistas, temos autores, temos pu-blico, temos homens capazes de dirigir o theatro nacional. Nada nos falta, pois; na-da nos falta a não ser, na Prefeitura ou no Ministerio do Interior, um homem capaz de encarar a serio esse assumpto magno cuja importancia qualquer pessoa medina-mente culta reconhece.

DE DOMINGO A DOMINGO

PHENIX — Companhia Alexandre de Aze-vedo — De 26 a 29, "As duas caras"; 29, "O Canario", primeira representação; 30 de Maio a 1 de Junho, "O Canario".

TRIANON — Companhia Leopoldo Fróes —Dia 26, "A viuvinha do cinema"; 27, fe-chado; 28 de Maio a 1 de Junho, "A viuvi-nha do cinema".

MUNICIPAL — Dia 26, fechado; 27, "Nossa terra", pela Companhia Leopoldo Fróes; 28 a 1, fechado.

PALACE — Companhia Maria Mattos-Mendonça de Carvalho — Dia 26, "Comparti-mento para senhoras", primeira representa-ção; 27 a 1, "Compartimento para senhoras".

CARLOS GOMES — Companhia Nacional de Comedias e Vaudevilles — De 26 a 1, "O almofadinha".

LYRICO — Companhia Vitale — Dia 26, "Santarelina", primeira representação; 27, "Casta Suzana", primeira representação; 28, "Dansarina descalça"; 29, "Camponez Ale-gre"; 30, "Duqueza do Bal Tabarin", festa pró-victima da secca; 31, "La signorina del bar", primeira representação; 1, "La signori-na del bar".

S. PEDRO — Companhia Nacional de Me-lodramas — De 26 a 28, "Aventuras do Capi-tão Corcoran"; 29 a 1, "Amor de bandido".

S. JOSE' — Companhia Nacional de Re-vistas — Dia 26, "A mulata do cinema" e "Candidatroça"; 27, "O homem das cocegas" e "Seu Amaro quer"; 28, "Contra-mão", fes-ta das Sras. Didamia Silva e Olympia Lopes; 29, "Contra-mão" e "Morro da Favella"; 30, "O Caradura", festa das Sras. Ottilia Amo-rim e Albertina Rodrigues; 31, "A pensão de D. Rita", primeira representação; 1, "A pen-são de D. Rita".

RECREIO — Nova Companhia Nacional de Revistas — Dia 30, "Sonhei comtigo", pri-meira representação; 31 e 1, "Sonhei com-tigo".

REPUBLICA — Circo Americano — De 26 a 29, funcções; 30, fechado; 31, "O Conde Ba-rão", estréa da Companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro; 1, "O Conde Barão".

COMPANHIA DRAMATICA FRANCEZA

Está a chegar ao Rio a Companhia Dramatica Franceza dirigida pelo Sr. Henry Bourguet um dos mais illustres homens de theatro da França contempo-ranea.

A companhia traz como primeiras figu-ras os Srs. Henry Bourguet e Raymond Lyon, e as Sras. Germaine Dermoz Ninon Gilles e Betty Daussmond, nomes vanta-josamente conhecidos nos melhores thea-tros de Paris. As demais figuras do elen-co são as Sras. Germaine Ety, Madeleine Farna, Angelo Nadir, Emma Lyonel, Es-telle Duclos Jeanne Gueret e Cecile Ri-vals, os Srs. Charles Vanel, Henry Dar-bral, Edouard Davesnes, Leon Brizard, Charles Legoux, Paul Leriche, Georges Moreno, Henry Lebrument, Pierre Bar-bot e R. Charlyne, e a pequena Jacqueli-ne Brizard.

A temporada, de doze espectaculos, se fará com as seguintes peças: La vierge folle La femme nue, e La marche nuptia-le, de Henry Bataille; Le secret e L'élé-vation, de Henry Bernstein; La Souris, de Pailleron; L'Arlesienne, de A. Dandet, musica de Bizet; Le Grillon du Foyer, de Francmesmil (segundo Dickens), musica de Massenet; La Gioconda, de D'Annun-zio; Le Pardon, de Lemaitre; Le Viell Homme de Porto Riche; Mr. Le Dire-cteur de Bisson, e Le coeur a ses raisons um acto de De Flers e Caillavt.

Lyrico

GILBERT — "CASTA SUZANA" — Opereta em 3 actos. — Fim de tempora-da e de temporada repetida... Por isso rezam os anuncios: protagonista Pina Gioana, os restantes papeis pelos artistas Bertini, Darvia, A. Osella, Pompei, Fer-rini e Osella.

Ora bem, diremos que "Suzana" encar-nada pela Sra. Pina Giona é um encanto. Desde a sua entrada timida, com um cha-péo lembrando as ingenuas toucas hol-landezas e um vestido de côr discreta, com uma "capeline" á moda de santos ha-bitos religiosos, até a audacia final com que se impõe tal e qual gosta de ser ao accommodado marido, passando pelas perturbadoras scenas do Moulin Rouge em que a sumptuosa "toilette" modela fielmente a plastica assassina do seu corpo gentil, foi deliciosa de graça ex-pressiva e endiabrada malicia. Obedecen-do á amavel insinuação da empreza, po-diamos nada mais dizer. Seriamos, po-rém, injustos porque vimos em scena um engraçadissimo "Umberto", um excellen-te "Barão des Aubrais", um Pomarel as-sás ridiculo um camareiro bem caricatu-rado, um desenvolto Renato e até mesmo uma "mignonne Sra. Cherancey" que quando mais não fosse mereceria ser ci-tada pela sua original "toilette" do 2° acto. Em relação aos demais, no emtan-to, que grande favor lhes presta a empre-za os condemnando ao anonymato...

E assim o que faz rir, faz chorar. Va-lha-nos isso.

Diga-se ainda que a "Casta Suzana" é um dos melhores espectaculos da Vitale.

EDMOND MISSA — "LA SIGNORINA DEL BAR" — Opereta em 3 actos, libret-to de Maurice Ordonneau e Alexandre Andre. — Distribuição: Nini Talempin, Sra. E. Spinelli; Miss Arabella Magilon, Sra. Lena Nelly; Visconde Marcello de Pont-Sablé, Sr. Adolpho Ferrini; Talem-pin, Sr. Pompeu Pompei; Saturnino, Sr. Giacomo Osella; Majilon, Sr Giano Po-desai; Marquez de Pont-Sablé, Sr. Dome-nico Cesarini; Chamoiseau, Sr Matiold; Emiliana (cocotte), Sra. Annita Osella; Dalila, Sra. Maria Manes; Stella, Sra. Rina Di Pietro; Novette, Sra. Giselle Zappa, e Telesda, Sra. Pina Manes.

Causou excellente impressão essa ope-reta cuja primeira audição no Brasil ago-ra se realiza apezar de datar de 1910.

O libretto, assaz interessante é de Mau-rice Ordonneau e de Alexandre André. E' bem feito, apresenta grande variedade de scenas, mas falta-lhe um typo baixo-co-mico, elemento indispensavel em peças desse genero para um completo successo.

Maior teria sido o agrado que "La Si-gnorina del Bar" causou se de maior en-vergadura fossem os seus interpretes. Não só quanto ao canto, as primeiras fi-guras muito deixaram a desejar, como faltou vivacidade e expressão á represen-tação cousa que a todo o momento a musica alegre, saltitante, gaiata, estava a pedir. E se assim era em relação aos detentores dos principaes papeis, é facil ajuizar-se como teriam sido interpreta-dos os demais.

A musica é toda de facil apprehensão e bonita. Ha um tercetto de bello colorido no primeiro acto, bonito. Entre os concer-tantes destaca-se o fecho do segundo acto. A ária do tenor a valsa-duetto, que se se-gue e a canção do terceiro acto contam-se tambem entre os numeros verdadeira-mente encantadores.

O enredo é o seguinte: Em Trouville, Talempin, dono do "bar" do Bal Tabarin, e sua filha Nini fazem uma estação de banhos. Chamam-se condes porque so-nham com um casamento aristocratico.

Assim pensam tambem Magilon, indus-trial norte-americano, e sua filha Arabel, emquanto que Marcello, sobrinho do Marquez de Pont-Sablé que tambem alli se acha, sonha com um bom dote que uma mulher de linda plastica lhe traga.

Marcello tem occasião de avaliar por esses prismas Nini e Arabel. Ambas se encantam com a perspectiva de titulo de Viscondessa. A ambas Marcello se pro-mette em casamento.

No Bal Tabarin Marcello descobre que Nini nada tem de nobre e volta-se ama-bilissimo para Arabel. Nini despeitada declara que Marcello está acompanhado

de uma "demi-mondaine", o que Arabel perdôa. Nini, então, arrependida resolve obter o consentimento do velho Marquez de Pont-Sablé que não quer ouvir fallar no casamento do sobrinho.

No castello senhorial Nini compromette-se a casar com o Marquez, este consente no casamento de Marcello e Arabel. A excentrica norte-americana, porém, enamora-se de um creado e com elle foge. O Marquez desavindo com a sua Nini encarrega o sobrinho de sondal-a. A paixão entre Nini e Marcello se reaccende e é a união de ambos que o Marquez conformado abençôa por fim.

Dos papeis femininos o mais importante é o de Nini. Fel-o a Sra. Enrica Spinelli. O seu ar juvenil e garoto assenta bem ao papel que, além desses predicados, pede mais os que conturbam os individuos de uma outra maneira não menos deliciosa. E nesse particular a Sra. Spinelli tem fóros de rainha.

O Sr. Adolpho Ferrini se não deu muita vida ao papel, cantou com a costumada suavidade e representou com discreção. Não teria ido mal a Sra. Lena Melly se a opereta não nos fallasse de uma americana. Sua figura faz, porém, esquecer possiveis defficiencias. Melhor nos pareceu o americano do Sr. Giano Podersai emquanto não nos agradaram os typos apresentados pelos Srs. Pompeo Pompei, Giacomo Cesarini, este mais do que todos, velho marquez que nada disso tinha. Teve desenvoltura a "cocotte" da Sra. Anita Osella.

Notaram-se em toda a representação algumas indecisões. As marcas e bailados são bonitos, de effeito. Córos e orchestra, como em dia de "première". Montagem boa.

LEO ASCHER — "SUA ALTEZA DANSA A VALSA" — Opereta em 3 actos. — Distribuição: Princeza Maria, Sra. Pina Gioana; Lisa Gandenzorf, Sra. Nilde de Michelli; Senhora de Zelexe, Sra. Darvia Larosa; Francisco Sewander, Sr. Italo Bertini; Luiz Schumpfi, Sr. Cavestre, e Pludner Sr. Pompeo Pompei.

E' caracteristicamente viennense com todos os attractivos inherentes a esse genero theatral a opereta que a Companhia Vitale nos deu ha pouco em primeira representação e que, comquanto já representada no Rio, o foi poucas vezes e ha tanto tempo que constitue uma interessante novidade.

Presta-se a obra de Leo Ascher a brilho de montagem de que a Vitale não desdenhou. Ha um sem numero de valsas lentas com "stacatos" e "smorzandos" todas de sentimental accento trechos coraes a que não falta imponencia, "couplets", saltitantes e uma canção ao violino, enormemente delicada que teve, ao demais, o [illegible] muito particular de ser deliciosamente cantada pela Sra. Pina Gioana em duetto com o Sr. Italo Bertini. O libreto é interessante, possue alguns papeis comicos o bastante para assegurar-se um inteiro exito.

Dos interpretes justo é collocar no primeiro plano o Sr. Italo Bertini, papel trabalhoso pelas transformações que soffre, e que só a um artista de merito póde ser commettido com o exito que hontem alcançou. Vimol-o maneiroso no maestro, banalisado no "garçon" e logo após galanteiador e fino cortezão e sempre nos pareceu natural — a creatura que devia ser. A seu lado, com egual segurança de tons, a Sra. Pina Gioana foi uma adoravel rapariga do povo de que surgiu a princesa de nobre porte e attitudes senhoreaes do terceiro acto, adoravel tambem.

O Sr. Pompeo Pompei deu feitio especial ao papel. Cahiu, porém, em exageros que não approvamos e bem assim o Sr. Cavestri que já não é actor muito feliz e que por isso mesmo devia fazer da discreção o seu maior merito. A Sra. Nilde de Michelli sahiu-se razoavelmente bem e a Sra. Darvia Larosa exagerou tambem quanto poude.

Os demais, regularmente.

Digamos ainda que o espectaculo era em homenagem ao Sr. Italo Bertini e que, por isso, era brilhante o aspecto da sala sendo o sympathico actor recebido com palmas que foram estrepitosas e prolongadas quando, no intervallo do segundo para o terceiro acto cantou e disse cançonetas e monologos.

PHENIX

O CANARIO, comedia em 3 actos. — Distribuição: Gerardo, Sr. Alexandre Azevedo; Corrêa, Sr. Antonio Serra; Sebastião, Sr. João Barbosa; Juiz de Paz, Sr. Eduardo Pereira; Fabio, Sr. José Soares; Menandro, Sr. Oscar Soares; Leandro, Sr. Augusto Linhares; Um homem, Sr. Linhares; Pepe, criado de Gerardo, Sr. Soares; Claudio, Sr. Gervasio Guimarães; Dois policiaes, N. N.; Flora, Sra. Lucilia Peres; Casilda, Sra. Judith Rodrigues; Escolastica, Sra. Adelaide Coutinho; Sahra, Sra. Fulvia Castello Branco; Paula, Sra. Iracema d'Alencar; Valentina, Sra. Mathilde Costa; Engracia, Sra. Fulvia Castello Branco; Lourença, Sra. Mathilde Costa e Uma senhora, N. N.

Vale por uma "réprise".

O principal papel, creado aqui pelo Sr. Antonio Serra, é um dos mais engraçados trabalhos desse actor que lhe dá o maximo de comicidade. A elle se eguala a Sra. Judith Rodrigues, "Casilda", tambem muito natural e expressiva. Sempre que os dous dialogam o riso anda á solta na platéa.

Excellente impressão causam ainda o Sr. Alexandre de Azevedo, que sublinha com habilidade todas as suas scenas; a Sra. Adelaide Coutinho, uma velhinha desenhada com inteira verdade; o Sr. João Barbosa, muito sincero; o Sr. Eduardo Pereira, bom typo. A Sra. Iracema de Alencar faz progressos, declama melhor, representa satisfactoriamente.

Esperavamos mais da Sra. Lucilia Peres. Foi em toda a peça muito egual. Não admira que o Corrêa a reconhecesse logo. Vestido e chapéo eram os mesmos de mezes atraz. Assim tambem a roupa do Corrêa e mais ainda a de Gerardo, o noivo.

"Mise-en-scéne", cuidada.

S. José

MIGUEL SANTOS — "A PENSÃO DE D. RITA", burleta em 2 actos. — Distribuição: D. Estephania, Sra. Elvira Mendes; D. Rita (protagonista), Sra. Laura Godinho; Dra. Escolastica, Sra. Ottilia de Amorim; Florentina, Sra Candida Leal; Minervina, Sra. Luiza Caldas; Lindinha, senhorita Rosalia Pombo; Zuzu', senhorita Fernanda Pombo; professor Segismundo, Sr. Alfredo Silva; Cabo 22, Sr. João de Deus; Simões, Sr. M. Durães; Tancredo, Sr. Alvaro Fonseca; Manuel, Sr. J. Figueiredo; Dr. Gentil, Sr. Ernesto Begonha; Primeiro hospede, Sr. Tobias; Segundo hospede, Sr. J. Ribeiro.

Essa burleta teve para a Empreza Paschoal Segreto a vantagem de não exigir despezas de montagem e provocar o riso do publico o que equivale ao exito assegurado.

A interpretação foi regular, cabendo as honras dos applausos não só ao Sr. João de Deus, como tambem ao Sr. Alvaro Fonseca, que, de certo tempo a esta pate, se tem conduzido com sobriedade e sem exageros em todos os papeis que lhe são confiados.

A Sra. Laura Godinho, na protagonista, e a Sra. Elvira Mendes, na "D. Estephania", mereceram egualmente francos elogios, porque deram bastante realce aos personagens que intepretaram.

CINEMAS

Desagradavel reparo se faz, geralmente, á attitude do renomeado artista que para figurar num film exige mil e uma cousas. As exigencias ás vezes são de tal monta, que obrigam os directores a desistirem do proposito de produzir a pellicula destinada a semelhante artista. Parecem-lhes descabidas essas exigencias, que sempre são attribuidas ao orgulho ou vaidade, do genero humano. Dever-se-ia, entretanto, concluir que os artistas têm razão nas suas apparentes impertinencias. Artista de valor tem o dever de se não expôr a um insuccesso que lhe trará, certamente, desagradaveis consequencias á fama obtida com os maiores sacrificios. De desagradaveis, não é raro tornarem-se verdadeiramente desastradas taes consequencias, e o artista vê-se na necessidade e obrigação de zelar pelo seu nome. Supponhamos que uma artista se imponha, pelo seu talento, á admiração publica a ponto de ser tida como a gloriosa, a impeccavel, a eminente. Da sua excelsa ascensão á fama, das maneiras irreprehensiveis das suas representações e das magnificas interpretações de typos os mais variados e contraditorios, é natural que se deduza o valor do film em que ella appareça como uma segura garantia da producção, que se espera magistral. Annuncia-se uma pellicula em que essa artista se apresente, e todo o mundo corre a assistil-a, na certeza de que a sua apreciação seja de todo satisfeita. O drama, porém que alli se representa exige longa metragem, e os seus productores por quaesquer interesses, cortam o drama, reduzem-n'o de tal geito que não só o enredo é prejudicado como desastradamente é prejudicada a fama da artista, deslocando-a absolutamente do logar que occupava no conceito publico.

E' o descontentamento geral, a desillusão, a magua de ver ruir todo um edificio construido, talvez, com lagrimas de sangue, a dor de ver naufragar o roseo barco onde se iam todos os nossos devaneios acerca dessa artista que somos obrigados a apêar do glorioso pedestal a que a tinhamos elevado. Tudo isto poderia parecer uma injustiça, mas infelizmente é verdade que si muito custa a subir, a queda é rapida e sem remedio, e difficilmente a parada é possivel á beira do abysmo...

Que os artistas de grande valor, os idolos exijam tudo e que se lhes satisfaçam todas as exigencias, comtanto que se mantenham elles nas divinas regiões aonde foram elevados pela veneração publica.

AVENIDA

PARAMOUNT — "FE' QUE ALENTA" (The Keys of the Righteons). — Maria Maning, cuja mãe vivia no abandono do seu marido, Paulo, era uma creatura digna da maior admiração, por sua bondade e amor filial. Assim é que por morte de sua mãe e por cumprir a promessa que lhe fez, Maria parte em busca do pae que desgarrado dos seus deveres de homem, se entregava de todo ao vicio da embriaguez. Maria fôra encontrar Paulo em uma casa suspeita, satisfazendo o seu vicio. Approxima-se delle, disposta a cumprir a promessa feita á creatura que lhe déra o ser. A policia cerca o estabelecimento; são presos e remettidos ao juiz que comprehendendo a nobreza da moça chamando a si as faltas de seu pae, os manda pôr em liberdade, dando salutares conselhos ao transviado Paulo. O principal papel, de Maria Maning, foi interpretado por Enid Bennett.

PARAMOUNT — "QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA" (Believe Me, Xantippe) — Mac Farland (Wallace Reid) aposta com os amigos Sole e Browns (H. Woodward e Ernest Joy), que seria capaz de praticar um crime sem que, durante um anno, a policia consiga deitar-lhe a mão. Fecham a aposta, e sob o nome de Ginnins, Mac Farland falsifica um cheque que um dos dous outros leva ao banco; o delicto é descoberto e a policia começa a agir. Ginnins, altás Mac Farland, vae ter, fugindo da policia, a um logarejo distante Newton, onde se encontra com Dolly (Ann Little), filha do "sheriffe" e seu braço direito, na sua severa missão de autoridade. Dolly reconhece-o como o individuo procurado pela policia, e dá-lhe voz de prisão. O preso desperta, porém, o amor no coração da sua linda carcereira, de maneira que apparecendo Sole e Browns que vinham reclamar o pagamento da aposta, que haviam ganho, Dolly intervem e declara que prendeu Mac Farland não como autoridade, mas sómente para elle casar-se com ella, e Mac Farland ganha a aposta.

E a cousa acaba... em casamento.

E' um "film" de bom humor, com lances ás vezes emocionantes pelas situações imprevistas que apresenta.

PARAMOUNT — "LOCAÇÃO HUMANA" (Unclaimed Goods). — E' sempre uma das maiores delicias ver-se no "écran" a figurinha delgada e cheia de divina graça da encantadora Vivian Martin. Uma das artistas mais queridas do nosso publico que, sem favor, a collocou entre as maiores, não só pela sua arte, inconfundivel, sómente sua, como tambem pela irresistivel attracção da sua ingenua belleza, de menina, — Vivian Martin mostra-se, sempre, a absoluta garantia de successo do "film" em que se apresente. O entrecho do "film" é delicado, conseguindo interessar a assistencia pelo seu desenvolvimento de começo a fim, além de que tendo sido distribuida por artistas de merito, que de certo não poderiam compromettter o exito da pellicula, a interpretação foi esplendida.

Casson Fergusson, Dick La Reno, G. Kunkel, G. Mc Daniel e Harrison Ford, taes são artistas dignos de figurar ao lado de Vivian, a "encantadora" ingenua, a delicia dos "films" em que se faam precisas a graça e a belleza alliadas á pura arte.

ODEON

GOLDWIN — "MULHER EM LEILÃO" ou "EM HASTA PUBLICA" (The Auction Block). — Sete actos muito movimentados, de um drama complexo, de impossivel resumo em duas linhas, e entremeiado de accidentes diversos, variadissimos. "A mulher quando tem fé e o coração puro, póde redimir-se de suas faltas e fazer que os que a cercam, tambem se redimam"; esta é a these apresentada e que o drama demonstra. Os "films" desta marca primam pelo fausto de sua montagem, pela riqueza de seus interiores e o luxo das "toilettes", além de que, desta feita, deu ensejo a que se apresentasse ao publico carioca, estreiando nesta pellicula, mais uma "estrella" que se imporá á nossa maior estima, não só pela sua arte consciencíosa, como tambem por ser uma mulher realmente bonita. Rubye De Remer, a quem nos referimos, é uma deliciosa "ingenua" de uma graça mui natural, expontanea, sem inuteis desenvolturas, sem os exaggeros muito communs em artistas deste genero. Rubye De Remer de certo que ha de assumir um logar de destaque entre os artistas mais apreciadas do nosso publico. Florence Johns e Florence Deshon, duas outras lindas creaturas e artistas de valor, que este "film" apresenta, além de outros taes como Dorothy Wheeler, Tom Powers, Ned Burton, Walter Hitchcock, Charles Graham, George Cooper, Alec Francis, Francis Joyner, Bernard Randal e Peter Lang. E', afinal, uma esplendida pellicula com que o "chic" "Odeon" mimoseou a sua selecta assistencia, a "elite" carioca.

FOX — "OS MISERAVEIS". — Montado com a riqueza e capricho que requerem os grandes "films", tem este sobretudo, o incomparavel valor de apresentar como protagonista o masculo William Farnum. Poucos artistas estariam em condições de personalisar perfeitamente o hercules Jean Valgean, e dentre esses William Farnum é o unico que incarnando-o perfeitamente, é capaz de desempenhar com o maior brilho e destaque o difficilimo papel do heroe do immortal romance, que todos conhecemos. Por isto mesmo, é absolutamente excusado o resumo aqui, da magnifica obra de Victor Hugo. Dividido o "film" em duas epocas, representa-se agora a primeira, que abrange o romance até o ponto em que o tio Madeline comparece ao tribunal, para salvar duma condemnação injusta o infeliz que em logar delle fôra preso. Commovedoras scenas da miseria physica e da miseria moral, emmocionantes quadros da inconsciencia humana, tudo, emfim, que lemos naquelle romance e que nos tocou a alma, aqui se estampa aos nossos olhos, mais impressionante, mais lastimavel, sem duvida, do que todas as representações que idealmente fizemos á leitura de "Os Miseraveis".

GOLDWYN — "JOANNA, A GUERREIRA" (Joan of Plattsburg). — O talento artistico e a graça natural da "turbilhonante" Mabel Normand, e a bem cuidada "mise-en-scène", assim como e principalmente, as originalidades das representações, deram a este "film" um elevado valor a ponto de destacal-o dentre os que, no genero, têm sido aqui, no Rio, apresentados ao publico. Baseia-se o enredo do "film" nas intrigas politicas, nas espionagens, que fizeram das potencias centraes um inimigo terrivel, menos pela força das suas armas do que pela astucia e perfidia da sua diplomacia. Bem se vê que "film" assim baseado, para assumir algum valor depois das innumeras pelliculas de propaganda de guerra que foram exhibidas, tem que apresentar qualquer cousa que afaste da assistencia o morbus do somno... Serão fatalmente narcoticos os "films" de propaganda que já não fugiram á estafadissima vulgaridade desta rançosa these: a espionagem, como desenvolvimento aos sentimentos patrioticos. "Joanna, a Guerreira" é um dos raros "films" que ainda hoje agradam sobremaneira, pela admiravel interpretação de Mabel Normand e pela maravilhosa encenação. Artisticamente é sublime, nos quadros absolutamente nitidos, de magistraes effeitos de luz. E' um "film" da faustosa "Goldwyn"...

Palais

TRIANGLE — "HERDEIRA DE UM DIA" (Heiress for a day). — E' uma comedia bem humorada apresentando aspectos da brilhante vida social de New York. Helena Hodges (Olive Thomas), para não supportar a rabujice de um avô millionario (Graham Pette), fez-se manicure em um hotel de primeira ordem. Alli conhece e apaixona-se por Jack Strinking (Joe King), que uma aventureira (Mary Warren), pretende conquistar. Morto o avô, celere corre a noticia de que Helena está multimillionaria e prepara-se ella para receber a herança quando o tabellião lhe declara que seu avô lhe deixou $1.000 legando toda a fortuna ao seu sobrinho Jorge (Eugene Burr). Helena que chamara sobre si a attenção da sociedade new-yorkina insiste no "bluf" da herança, compra joias e vestidos comparece a elegantes reuniões. Os credores apertam-na, empenha as joias, recorre á bolsa do primo que se deixara enredar pela aventureira que perseguia Jack. O amor deste salval-a-á e ainda uma disposição do testamento que mandava reverter para ella a herança se o primeiro herdeiro fizesse máo uso do dinheiro. Olive Thomas é, como em tudo quanto faz, encantadora.

SELZNICK — "LUCRECIA BORGIA" (The eternal sin). — Calcado na conhecida tragedia de Victor Hugo, essa producção cinematographica póde ser classificada, sem favor, entre as grandes obras de arte. A execução do "film" está á altura do enredo. A "mise-en-scène" luxuosissima, á epoca, inclue faustosos interiores cheios de grandeza. A historia é a das enormes crueldades de Lucrecia Borgia matando por meio de torturas horriveis cinco fidalgos que haviam morto um seu amante e fazendo envenenar com vinho os cinco filhos desses fidalgos porque haviam revelado a sua entidade maldita ao filho que, oriundo de um criminoso amor, ella fizera criar longe da sua pessoa e na ignorancia de quem eram os seus paes. Mas ao banquete fatal seu filho comparece e bebe do vinho envenenado. Para vingar a morte dos cinco companheiros, apunhala-a, só então fazendo a terrivel descoberta de que Lucrecia Borgia era a sua mãe. E' protagonista Florence Reed, actriz formosissima, de tragicas e impressionantes expressões.

MUTUAL—"PEREGRINO DE AMOR" (The golden idiot). — E' mais uma comedia impregnada de delicioso bom humor a que serve de protagonista Bryant Washburn, cujo caracteristico ahi é uma risonha e absoluta despreoccupação pelas cousas da vida. João Pinto, sobrinho de um tio millionario não conta com a herança porque ella deve ser dividida entre elle e um seu primo proporcionalmente, diz o testamento ao que ambos tiverem no dia da morte do tio. Elle nada tem e o primo é rico. Vagabundeia sem destino, serve de garçon em um bar de secretario a um scientista mas principalmente de desinquietador dos corações femininos que encontra. Um amor sincero afinal lhe apparece e com elle a noticia da morte do tio o que o enriquece, pois o seu primo que era corretor poucos dias antes se arruinara. E todas as scenas se passam em deliciosas vivendas da California, cheias de luz e flores.

Parisiense

"OS OLHOS DA AGUIA" (The eagle's eye) — 13° episodio, "O reino do terror"; 14°, "A paralysia infantil"; 15°, "A campanha contra o algodão"; 16°, "O raid do submarino U 53". — São mais quatro emocionantes episodios da terrivel luta travada nos E. Unidos entre a espionagem allemã e o serviço secreto norte-americano. No "Reino do terror" é exposta a organisação allemã para provocar incendios e explosões em todos os estabelecimentos fabris e a machinação contra a fabrica de munições de Bethlem descoberta em tempo. O segundo episodio relata um dos crimes mais infames de que a historia tem conhecimento: a disseminação da paralysia, por meio de culturas de microbios, entre a população infantil, como um meio de anniquilar os Estados Unidos. No seguinte episodio são expostos os processos empregados para destruir a safra de algodão, attaque aos algodoeiros, rapidamente devastados por uma praga feroz e incendio dos fardos nas docas. O raid do submarino U 53 é enormemente emocionante, attingindo ao auge a dramatisação desses terriveis acontecimentos.

METRO — "HYPOCRITAS SOCIAES" (Social Hypocrites). — A protagonista é essa boneca loura que se traja com grande elegancia e que nos dizem chamar-se May Allison. Leonor (May Allison) vivia com seu pae, Lord Fielding (Frank Currier) pobremente em Paris porque a familia deante da accusação de uma trapaça no jogo repudiara esse seu membro indigno. Lord Royal (Joseph Kilgour), casado ás occultas em Paris communica á Duquesa St. Kaverne (Maria Vainright), sua parenta, a situação de Fielding, que aliás pouco depois morre, sendo a menina recolhida á casa de sua tia Lady Felicia (Ethel Wintrop), que a faz amargar o pão que come. Lord Royal começa a cortejar a pequena. Sua mulher, para vingar-se, prepara em dia de recepção uma trapaça no jogo recahindo a culpa em Leonor. Reproduz-se a vergonha dos Fielding. Lady Felicia expulsa-a. O medico de Lord Fielding que ama Leonor offerece-lhe novamente a sua mão pois que acredita na sua innocencia. A verdadeira culpada é desmascarada e uma confissão "in extremis" rehabilita a memoria de Fielding que tambem fôra victima de uma cilada. A parte photographica e admiravel de nitidez.

"OS OLHOS DA AGUA" (The eagle's eye) — 17° episodio: "A base dos submarinos; 18°, "A conspiração na India"; 19°, "A audacia dos anarchistas"; e 20° e ultimo, "O golpe decisivo".—E' a continuação do impressionante relatorio das proezas allemãs nos Estados Unidos afim de inutilisar esse paiz em face da guerra européa. No 17° episodio assistimos aos esforços feitos para installar uma base de abastecimento de submarinos na costa americana e a descoberta feita pelo Serviço Secreto; no 18°, á trama para a sublevação das Indias, sendo S. Francisco da California o centro das operações, sendo impedido o embarque de munições já compradas pelos allemães; no 19°, á intensa propaganda anarchista que por meio de agentes seus a Allemanha desenvolveu nos centros operarios; e no 20° ao trabalho de destruição dos navios allemães, logo que a gente do Kaiser se convenceu de que era impossivel evitar a entrada dos Estados Unidos na guerra. Ahi von Lertz, o chefe dos malfeitores tedescos morre tragicamente em um porão de navio e declarada a guerra Harry Grant e Dixie Mason vão prestar seus serviços no campo de batalha. Estes, são King Baggot e Marguerite Snow os dois magnificos protagonistas desses emocionantes episodios.

PATHÉ

ASTRA-PATHE'—"UM MILHÃO POR UM MARIDO" (Annexing bill). — Nelle se descreve a paixão que Francisco Dou (Creighton Hale) tinha por Aida Parr (Gladys Hulette), que tambem o amava, felicidade a que resolvera renunciar porque a moça herdara um milhão de dollars. Aida resolve então entregar a sua fortuna a um amigo cuja especialidade era perder dinheiro na bolsa. A má sorte faz com que elle ganhe, a fortuna augmenta, mas no dia em que Francisco, para ficar rico tambem, resolve empregar no mesmo negocio todos os seus recursos, o panico estala na Bolsa e ambos ficam arruinados. Resta-lhes o amor... e o dinheiro de Francisco que o terrivel perdedor não tivera tempo de jogar fóra. E' uma comedia leve, interessante com bellos aspectos das regiões glaciaes.

FOX — "SANGUE GAUCHO" (Western Blood). — Tom Mix é incontestavelmente o cow-boy em moda e esse destaque conquistou-o com o seu proprio merito de cavalleiro destemido e homem audacioso. Chico Farias (Tom Mix) rico estancieiro na fronteira encontra-se fortuitamente com Roberta (Victoria Forde), filha do Coronel Silveira (Frank Clark), cuja mão Antonio Capio (Barney Furey) que anda a comprar cavallos para o exercito americano, pretende. Chico comparece a um baile na luxuosa residencia do coronel é alvo de chacotas mas impressiona fundamente a pequena. Em uma visita que o pae, a filha e o quasi noivo fazem ás suas propriedades promove solemne recepção, que no fim de contas é de um ridiculo e de um burlesco indescriptiveis. Agentes allemães instigam os mexicanos para uma sortida e começa ahi a parte electrisante do "film" com carreiras, tiroteios, quédas por despenhadeiros e lutas dentro dagua. O fim é claro, Chico triumpha duplamente, dos mexicanos e do quasi noivado. E', no genero, um excellente "film".

FOX — "MASCOTTES DO REGIMENTO" (American Buds) — Jane e Katherine orphãs são recolhidas a um asylo de onde a menor foge indo ter a um acampamento militar. O commandante (Albert Grant) tem uma filha Cecilia (Regina Quinn) que é noiva do Tenente Dutton (Leslie Austin) casamento que uma tia della Emilia (Nora Cecil) deseja desfazer, pois todas as suas sympathias são pelo Tenente Drury (H. D. Southard). As duas orphãs interessam o commandante e papeis que no poder dellas são encontrados revelam ser Dutton, o pae de ambas. O casamento é desfeito, as meninas ficam sendo as mascottes do regimento. O commandante tinha, porém, uma filha mais velha Ethel (Lucile Southerwaite), que abandonara o lar paterno. Por uma coincidencia commum em "films" era ella a mãe das meninas e o pae, o Tenente Drury que morre ao tentar roubar um invento do Tenente Dulton. Como se vê tudo se accommoda. O grande encanto do "film" são as impagaveis diabruras da pequenita Jane Lee e o valor dramatico de Katherine Lee.

IRIS

UNIVERSAL — "AMOR DE INDIO" (The Red, Red, Heart). — Monroe Salisbury, o admiravel artista que assegura com a elevação do seu talento artistico o